



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

DE SANTA
RITA

«SIM» e «NÃO»

Por LAURA CHAVES

A RMOU-SE grande questão que desandou em chinfrim entre o feio senhor Não e o bonito senhor Sim.

O Não, muito mal criado — que o senhor Não é má rês — dizia ao Sim: — Seu melado seu intrujão, seu francês!

E para se não zangar, o Sim, com tôda a cordura, respondeu sem se exaltar, fazendo grande mesura:

— Dana-te eu ser muito amável, ter bom aspecto, ser lindo... Um «não» é desagradável, Um sim é muito bem vindo.



O Não, maluco de todo, pôs o til do ão à banda, e, danado, com mau modo, pespegou-lhe esta desanda:

—Dize lá, Sim toleirão, se eu te oferecer pancada, não dizes sim, dizes não, a palavra malcriada.

Por falar sem tom nem som, vais apanhar um quinau! Neste caso o «não» é bom e o «sim» é que é muito mau.

—O que é mau ninguém o quer — disse o Sim—isso é sabido. Ninguém diz não ao prazer, sou eu sempre o preferido.

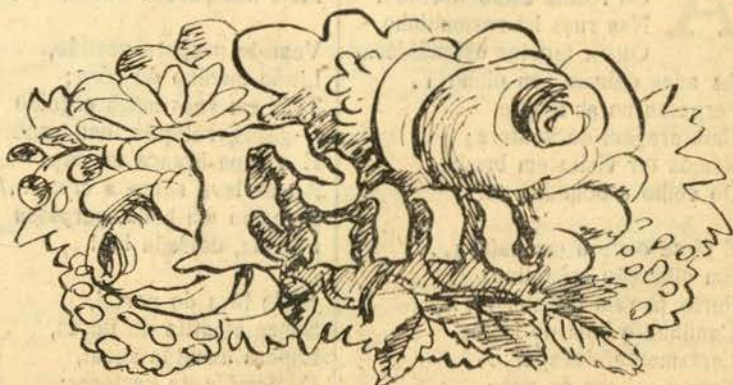
Nós não somos bem nem mal, as intenções é que abusam.



Tudo depende, afinal, da forma como nos usam.

.....
A quem devo dar razão expondo êste caso assim:

— A vida é sim ou é não?...
— É muito mais não que sim.



A MULA RABINA

Por MARIA ISABEL CORREIA

CONTAVA-NOS o nosso compadre «Cara Linda» as façanhas da sua mula «Rabina» e a contá-las se passava o serão, aqueles alegres serões da minha Infância distante e que tão gratas recordações me deixaram pela vida fóra... Uma enorme fogueira ardia na lareira, cujas correntes sustentavam as grandes panelas de ferro em que fervia a comida dos criados e dos ganhões. Em volta, havia um grande estrado, onde todos se sentavam e se aqueciam, enquanto no grande fogão se cozinhava a ceia da família, a que presidia a minha avó. Ceia alegre e farta, cheia de acepipes e gulodices, em que todos conversavam e riam.

Finda esta, minha avó punha as mãos e todos se erguiam e rezavam entoando com ela, pelas almas das nossas obrigações, pela alma mais desamparadinha a arder no fogo do Purgatório, pelos que andam por sobre as águas do mar, pelos que seguem caminhos errados, por todos, todos, enfim. Depois de lhe beijarmos a mão, voltávamos à lareira e a conversa prosseguia.

— «Compadre, creia, mula como a minha «Rabina» é que não houve outra. Na noite em que o compadre Joaquimzinho nasceu, fomos para Coimbra com uma rédua de béstas carregadas de odres com azeite. A noite estava negra e tempestuosa e os caminhos eram medonhos, íngremes carreiros em que se tropeçava a cada passo. Na «Água de todo o Ano», a ribeira cachoava com medonho fragor, mas tínhamos que a atravessar. A meio a «Rabina» foi-se abaixo com o péso da carga.

— «Ai! que estou desgraçado! (gritei eu) Eh, «Rabina», e num supremo esforço a mula ergueu-se com o carrêgo!

Outra ocasião, durante a guerra entre D. Pedro e D. Miguel e em que a Universidade fechara, fui com a minha «Rabina» a Salamanca, alugada a um clérigo que para lá se dirigia, a-fim-de tomar ordens.

— «De outra vez...» — e não tinham conto as histórias.

A «Rabina» morreu de velhice na cavalaria, sempre regalada, com palha fresca e com boa ração, bem tratada pelo dono agradecido, o qual sempre recomendava aos netos que devemos ser gratos não só para com as pessoas mas também para com os animais, que nos ajudam na árdua luta pela vida.



■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

PASCOA

Por MARIA DINIZ MARTINS

ALELUIA!... Aleluia!...
Os rosais estão floridos!
Nas ruas há rosmaninho,
Quais tapetes estendidos...
As aves deixam seu ninho...
Perpassa no ar alegre,
Uma aragem de ventura;
Vamos ter visita em breve,
Do velho e bondoso cura!

E já se ouve a campainha...
Em vibração cristalina;
Perto já vem o Senhor!...
Caminha o bom do reitor,
Lentamente, devagar...
Tem a cabeça de neve

E a sua figura leve...
Mais nos parece flutuar!...

Vem de púrpura vestido,
Lindo menino do côro;
Trás em suas mãos erguido
— Jesus, relíquia, um tesouro!...
E a capa branca esvoaça
Ao de leve sobre a cruz...
E, como um beijo, perpassa
Por ela, doirada luz!

Já de fóra do portal,
Sobre alcatifa de flores,
Espera humilde zagal,
De família de pastores;



Quando Jesus se aproxima,
Cai de joelhos em terra,
Beijando a cruz pequenina.

Já a sua alma desterra
Da vida todo o amargôr...

E a casa fica benzida,
Com a vinda do Senhor!...

(Continua na página 8)

O SOFÁ e a CADEIRA

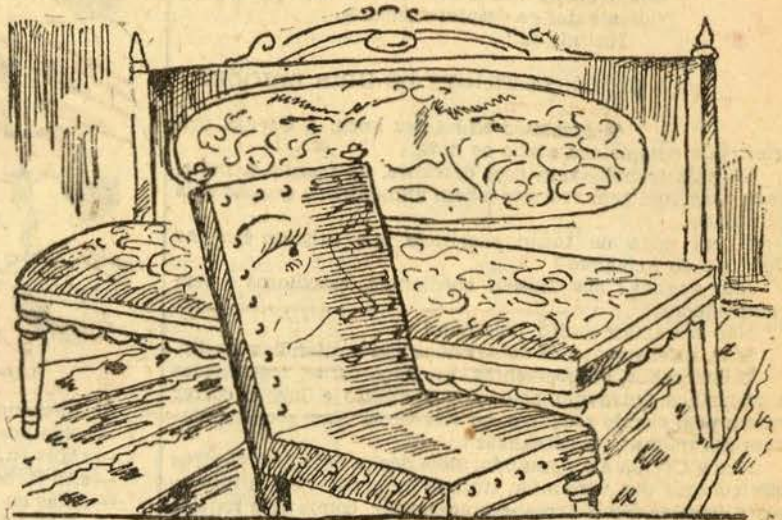
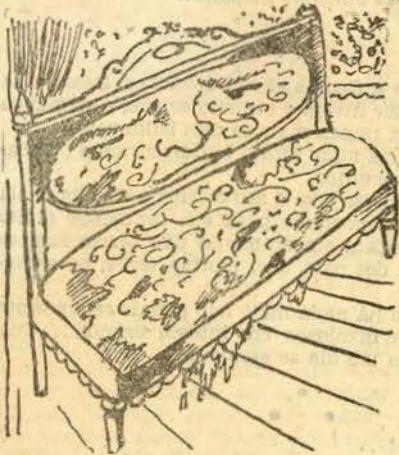
Por FELIZ VENTURA

UM sofá que, de veludo
Fôra forrado a primor,
Pensava que por tal facto
Era a todos superior.

Por isso, ao ser colocado
Numa salinha de estar,
Ficou todo arreliado
Por se ver em tal lugar.

E o que ainda mais o zangou
Foi uma certa cadeira
Que, junto dele, o olhava
Com expressão zombeteira.

Cadeira que, sendo nova
De tais luxos não gozava,
Pois fôra feita de coiro
O que mais feia a tornava.



Ora o sofá orgulhoso
Volta-lhe as costas, irado,
E diz assim: — «Mas que reles;
Ai, como eu sou desgraçado!»

E, depois, com muito orgulho:
— «Eu só frequento salões.
Sou preferido por duques,
Por marqueses e barões.»

Mas a cadeira, em risinhos,
Com ironia, assim exclama:
— «Não sabia, caro amigo,
Que gozava tanta fama!»

Passam-se, assim, alguns meses
Depois de esta discussão.
Entre os dois nunca mais houve
A mais leve alteração.

Até que, um dia, uma traça
(Que lhe havia de lembrar)
No belo sofá da sala
Seu ninho veio instalar.

E estão vendo os resultados?...
O sofá, que era um primor,
Ficou, dentro em pouco tempo,
Estragado e sem valor.

Mais uma vez eis provado
Que orgulho não deve haver;
Pois do sofá igual sorte
Todos nós podemos ter.

F O I M

CONCURSOS MENSAIS

DECISÃO DO JÚRI

Tendo o Júri dos «Concurso Mensais» constatado, desta vez, uma certa inferioridade na contextura literária das últimas produções recebidas e notado, através dos sucessivos concursos, a revelação insistente dos mesmos nomes, deliberou suspender temporariamente os referidos concursos e abrir, em seu lugar, uma segunda série, sob nova modalidade, o que faremos, talvez, no próximo número.

Decisão do júri, relativa aos dois últimos meses.

PROSA

Menções honrosas numeradas: — 1.ª «Bom exemplo» — por Idalina Carvalho Rodrigues. 2.ª O Palácio encantado — por António José de Almeida.

Menções honrosas sem numeração: — «A Mula rabinas»

— por Maria Isabel Corrêa e «O Pastorinho» — por Maria do Céu Ribeiro — (Célita) —.

VERSO

Menções honrosas numeradas: — 1.ª «Uma história verdadeira duma cabra lambareira» — por Maria Diniz Martins. 2.ª «Páscoa» da mesma autora. 3.ª «A Mininha» — por Carlos Carvalho.

Menções honrosas sem numeração: «Primavera» — por Maria Diniz Martins.

CONCURSO DOS PALÁCIOS E MONUMENTOS

Em virtude de se encontrar ainda doente um dos membros do júri que há-de apreciar as numerosas cadernetas apresentadas ao nosso concurso, não nos é possível dar já hoje o resultado das classificações, o que faremos no próximo número, se Deus quiser.

Acabam-se as lutas

Por LEONOR DE CAMPOS

ESTA história é dedicada ao Mário e ao Chico — dois irmãos, muito conhecidos, que passam a vida a bater-se desalmadamente.
Intitula-se:

A HISTÓRIA TRISTE DE DOIS BRIGÕES

O Armando tinha dez anos. A Cecília, sua irmã, não completara ainda os nove.

Os pais trabalhavam sem descanso, de manhã à noite, para trazerem bem vestidos e bem alimentados os seus dois filhinhos.

E em paga de tanto sacrifício que exigiam eles das Cecília e do Armando?

Isto apenas: que fôsem obedientes, estudiosos e bem comportados.

Não era exigir muito, pois não?

Mas, infelizmente, os dois irmãos não o entendiam assim.

Endiabrados, desobedientes, preguiçosos, as repreensões e conselhos entravam pelo ouvido direito e logo a correr saíam pelo ouvido esquerdo, ou vice-versa. Nem sequer paravam um instante, a descansar!...

Ora a Cecília e o Armando, além destes defeitos e doutros que eu calo por vergonha, tinham mais dois: eram invejosos e brigões. Se o Armando, ao jantar, comia sete rodelas de batatas fritas e a Cecília tinha no prato seis, logo ela desatava num berreiro:

— «O Armando tem sete batatas. Eu tenho só seis!... Quero mais uma!...»

E, por debaixo da mesa, choviam os pontapés nas pernas do irmão.

Um dia o tio Albino ofereceu, a cada um, sua caixa de lápis de côres.

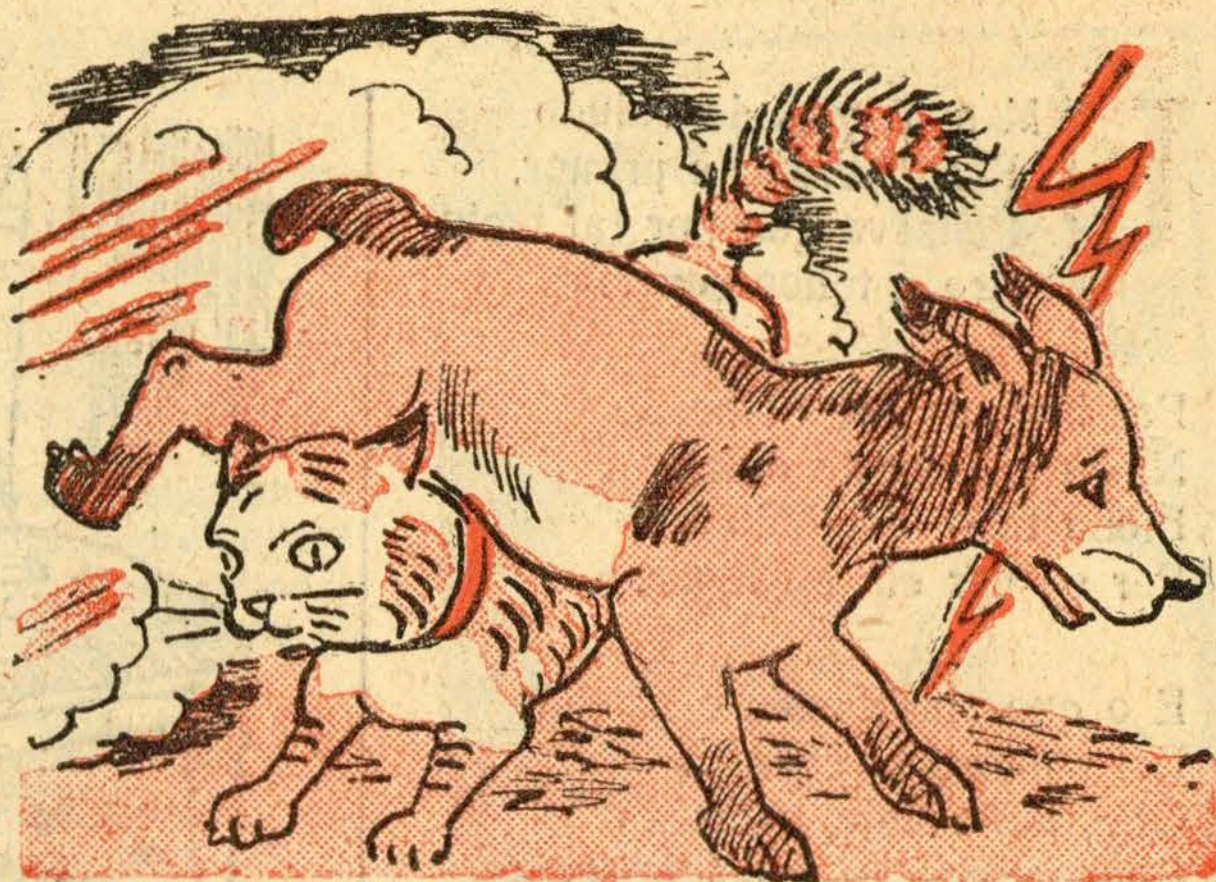
Logo os lápis foram contados, pesados e medidos. E porque o vermelho do Armando fôsse um milímetro mais pequeno do que o vermelho da Cecília, armou-se ali tamanha guerra que até o gato Liró e o cão Pimpão se assustaram e fugiram, um, a miar e o outro, a ganir...

Por estas duas amostras se pode vêr de que espécie eram os tais meninos...

Mas como os maus acabam sempre por ser castigados, à Cecília e ao Armando sucedeu um dia a grande desgraça que lhes vou contar:

A Cecília tinha na mão uma faca de cortar papel. E logo ao Armando apeteceu a faca. Chegou junto da irmã e ordenou:

— «Dá cá, para eu brincar...»



Ela respondeu, espevitada:

— «Não dou nada!... A faca é muito minha!...»

— «Mas eu também quero brincar com ela...»

— «As facas não se fizeram para brincar...»

— «Mas eu quero!... Pronto!...»

— «E eu não quero!... Pronto!...»

O Armando deita a mão à faca, puxa dum lado, puxa do outro, a faca escapa das mãos de Cecília e vai espetar-se violentamente num dos olhos de Armando.

* * *

Hoje o Armando e a Cecília são já crescidos. Desde essa tarde fatal em que, por inveja e espírito brigão, o Armando ficou cego de um olho, nunca mais os dois bulharam.

Mas, também, nunca mais foram felizes, riram e brincaram como os outros meninos.

O Armando, desgostoso com o seu defeito, a Cecília cheia de remorsos por ter concorrido para êle, sentem-se muito desgraçados. E lamentam sinceramente não terem sempre seguido os conselhos dos pais, que, muitas vezes, os avisavam:

— «Meninos: Não há nada mais feio e mais repugnante que vêr dois irmãos invejosos em lutas e brigas... Cuidado!... Vocês ainda um dia se escaldam!...»

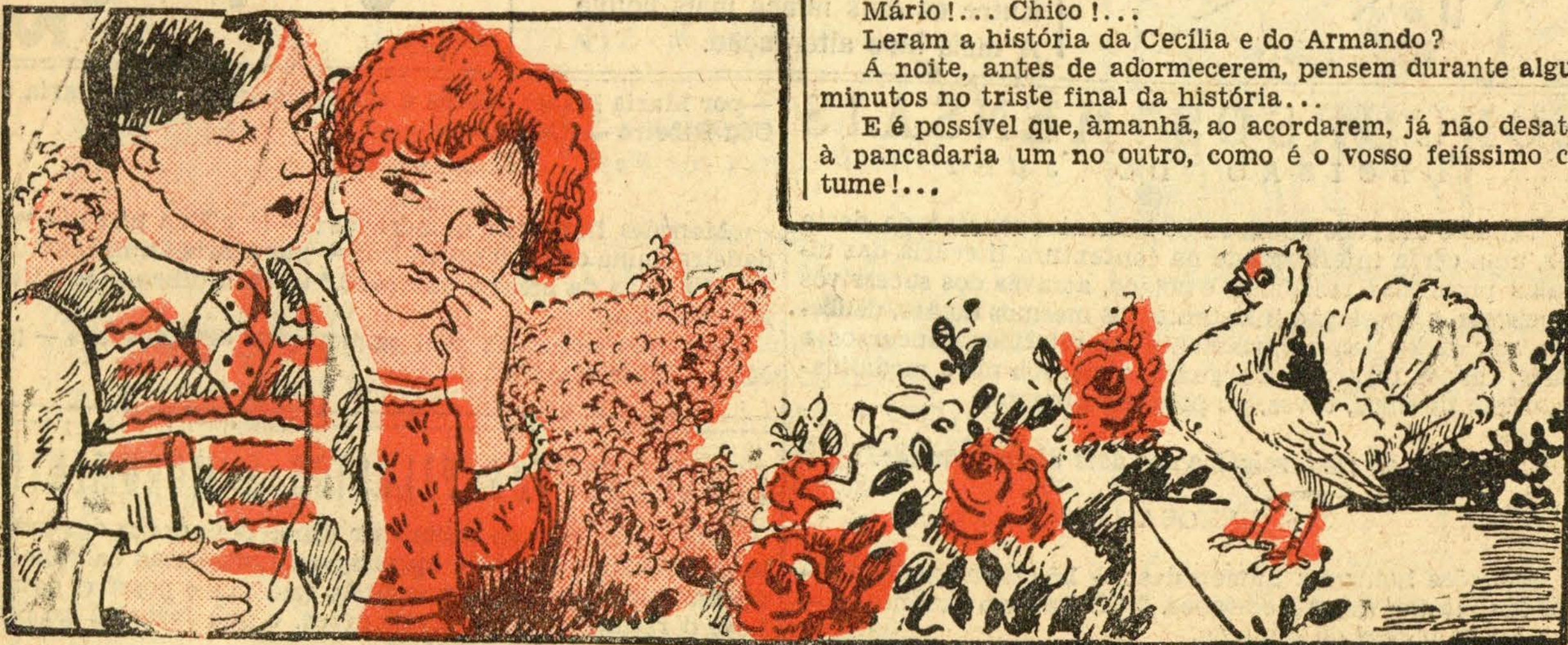
* * *

Mário!... Chico!...

Leram a história da Cecília e do Armando?

A noite, antes de adormecerem, pensem durante alguns minutos no triste final da história...

E é possível que, amanhã, ao acordarem, já não desatem à pancadaria um no outro, como é o vosso feiíssimo costume!...



O SEGREDO DA FECHADURA

Por Graciette Branco

EM certo País muito distante existia um Rei imensamente rico mas muito, muito velho. Vivia este Rei exclusivamente com uma netinha, linda como o sol ao meio dia ou como a lua em Agosto. Os pais e restantes parentes desta encantadora princezinha, haviam morrido há anos, durante uma epidemia que grassara em todo o Reino. Orfã de pai e mãe, a Princesa andava sempre triste, sorrindo, unicamente, quando a fitava,

a morte de Sua Majestade e já arautos, com grandes tubas, comunicavam, ao povo, o régio testamento, convidando fidalgos e plebeus a habilitarem-se à herança e a comparecerem no largo do Paço.

Chorava soluçante a pobre Princezinha, saudosa do velho avôzinho que tanto estremecia mas mais ainda pela dolorosa expectativa dum casamento infeliz, quando o Pagemzinho, órfão como ela, se lhe abeirou e inquiriu:

— «Princezinha, serieis feliz se fôsse



dos, desdenhosamente, convencido de haver encontrado a chave do mistério. Juntou no cadeado as letras da palavra: — «Grandeza» mas — ó decepção! — a porta não se abriu!

Troçado pelos que assistiam, retirou-se, também, como os restantes, de cara à banda e de orelha murcha, como é costume dizer.

Seguiu-se outro que, juntou as letras da frase: — *Alma pura* mas nada... nada!

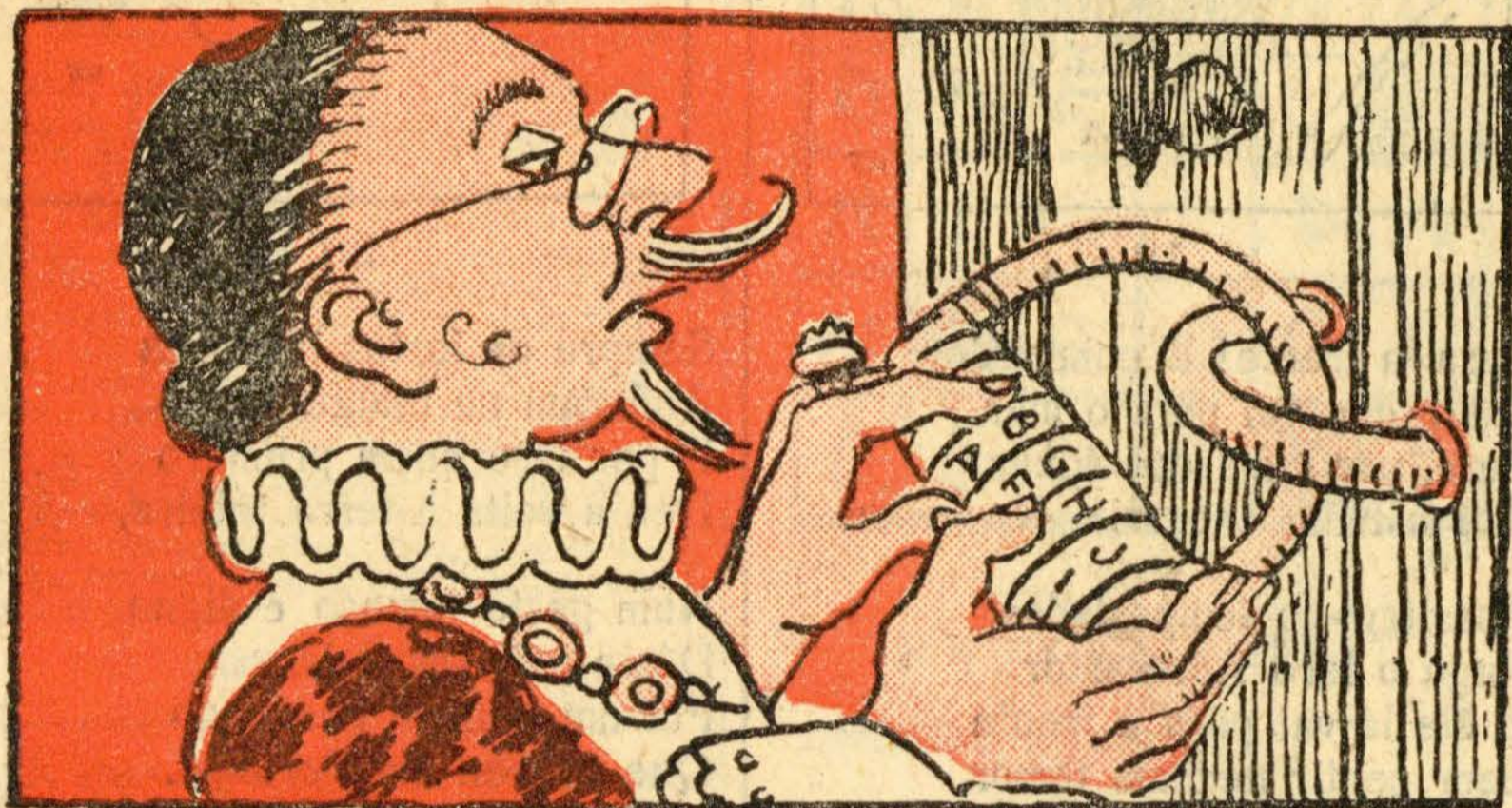
Outro surgiu, com modos de espertalhão e exclamou folgazão: — «Se a palavra traduz coisa elevada, deve ser elevação!» Mas, depois de juntar as letras, viu que se havia enganado. E um após outro, quantos! quantos tentaram mais a experiência mas sem resultado!

Cabia, finalmente, a vez ao mais humilde de todos os pretendentes à herança régia. Era o Pagemzinho triste que se apaixonara pela loira Princezinha e por quem esta também, se tinha apaixonado, quem se dispunha agora a tentar a experiência.

— «Ingénuo»!... diziam uns, «pate-ta!»... exclamavam outros, convencidos de que tão modesta criatura jamais poderia desvendar um tão complicado enigma.

Todavia, indiferente à troça dos circunstantes, o Pagemzinho, depois duma demorada concentração espiritual, ergueu os olhos ao céu, onde as almas da sua Mãezinha e da Rainha Mãe da Princesa, o estariam inspirando, por certo, até que, baixando-os à fechadura, e dispondo, em linha, as letras da frase: — *Amor de Mãe*, viu, com grande espanto e ue de todos que assistiam, a porta abrir-se, entre exclamações de alegria.

Três dias depois, festejava-se com grande pompa o casamento da Princezinha com o formoso Pagem de El-rei que era, agora, mais conhecido pelo *Príncipe Amor de Mãe* e, no dia seguinte, realizava-se a coroação dos felizes noivos que vieram a ser os mais venturosos reis de todo o mundo.



com significativa eloquência, certo Pagem de El-rei, órfão também como ela.

Sentindo aproximar-se a Morte, o Rei velho mandou chamar, a toda a pressa, o melhor notário do seu Reino, a-fim-de lhe ditar o seu testamento que rezava assim, pouco mais ou menos:

... Deixo a minha neta em casamento, o meu Trono e toda a Fortuna que possuo e se encontra para lá da porta que dá acesso ao subterrâneo do meu Palácio, àquele rico fidalgo ou humilde plebeu do meu Reino que fôr capaz de adivinhar a frase que serve de segredo à fechadura da referida porta.

A fechadura era uma espécie de cadeado, em ferro e metal, constituído por uma série de anéis giratórios, com todas as letras do alfabeto, as quais, dispostas a par, depois de encontradas as palavras justas, que constituíam a frase misteriosa, abririam o grande fecho da porta.

Mais declarara o Rei, em seu testamento, que as palavras mágicas, ou, melhor, a frase misteriosa, significavam um sentimento nobre, um pensamento elevado e que nenhum pretendente à mão da Princezinha, ao Trono e à herança, poderia repetir a experiência.

Logo a nova correu de boca em boca, até que, dentro de poucos dias, os sinos de todos os campanários anunciaram

eu quem adivinhasse o segredo da fechadura?!»

— «Muito!» respondeu a Princesa, baixando os olhos e levemente ruborizada.

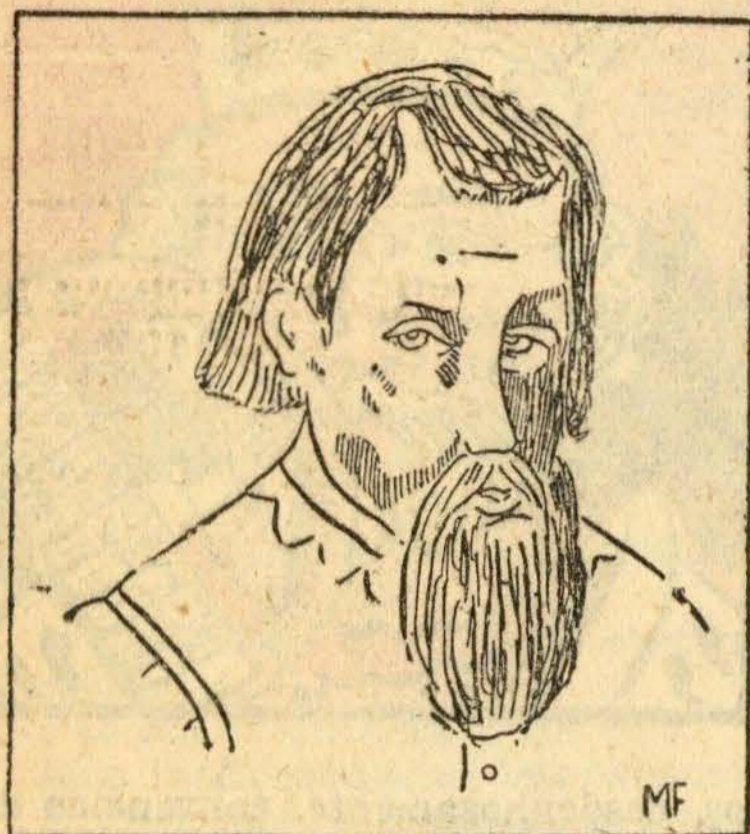


— Pois bem... Vou pedir às almas das nossas mães que me inspirem! E partiu, confiado, a caminho do largo, onde uma multidão de fidalgos e plebeus aguardava a vez de pôr à prova a sua sagacidade.

Quantas tentativas frustradas já, quantas desilusões! Chegara a vez, agora, a um antigo fidalgo que, com ar deveras petulante, sorria para to-

CONCURSO: - Grandes de Portugal

VERSOS de FRANCISCO VENTURA — DESENHOS de MANUEL FERREIRA



18

Sabendo fortalecer
Em tudo poder real,
Foi um dos reis mais ilustres
Nas terras de Portugal.

Condenou à morte os nobres
Que o queriam destronar
Mandando um para o carrasco
E indo o outro apunhalar.

E quando já nada tinha
Em volta que rechar,
Disse, cheio de coragem:
«Agora, vamos ao mar!»

Mandou apetrechar homens,
Mandou fazer caravelas,
Dando vida àquela obra
Que é mais linda que as estrélas.

E que inda hoje provoca
Em todos respeito fundo.
Poucos reis houve, de-certo,
Como



19

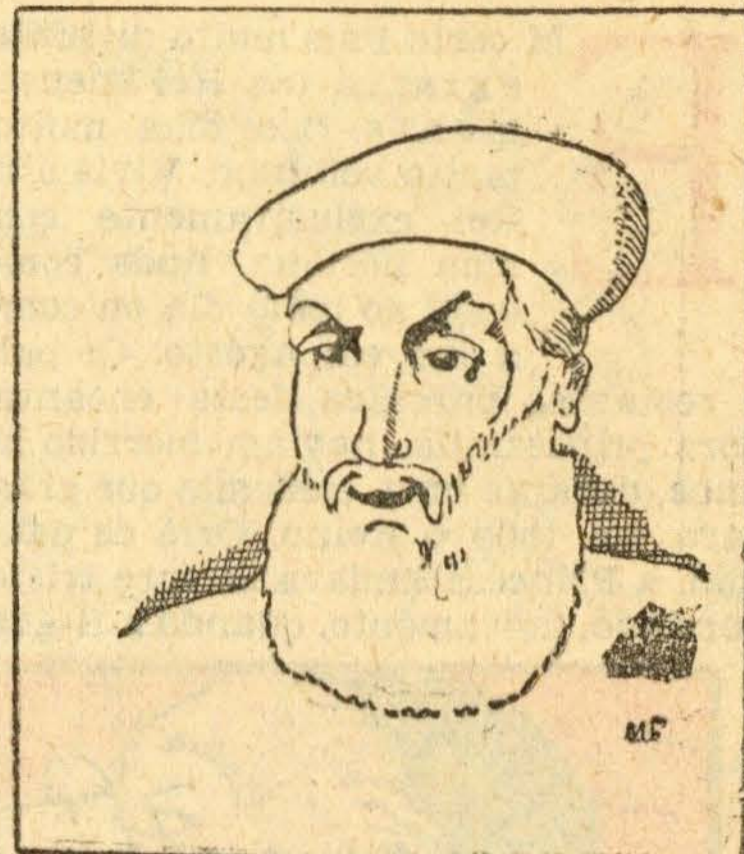
Para a frente! E com ardor,
Ei-lo que vai para o mar
Para, por cima das águas,
Até à Índia chegar.

Assaltam-no tempestades,
Ruge o fero Adamastor
E êle lá vai para a frente
Sem sentir nenhum temor.

E muito se enfurecendo
Contra os que querem recuar,
Lá vai, heróico e sublime,
Nas tredas ondas do mar!

Até que, num dia lindo,
E pela primeira vez,
Viu-se o mar, que a Índia banha,
Com um barco português.

Viu-se a cruz das caravelas
Nas velhas tórras de Brama.
Isto devido à coragem
Do grande *Vasco da G.*



20

Sempre os fortes lusitanos
Andaram na dianteira;
E por isso quem primeiro
Deu a volta à terra inteira,

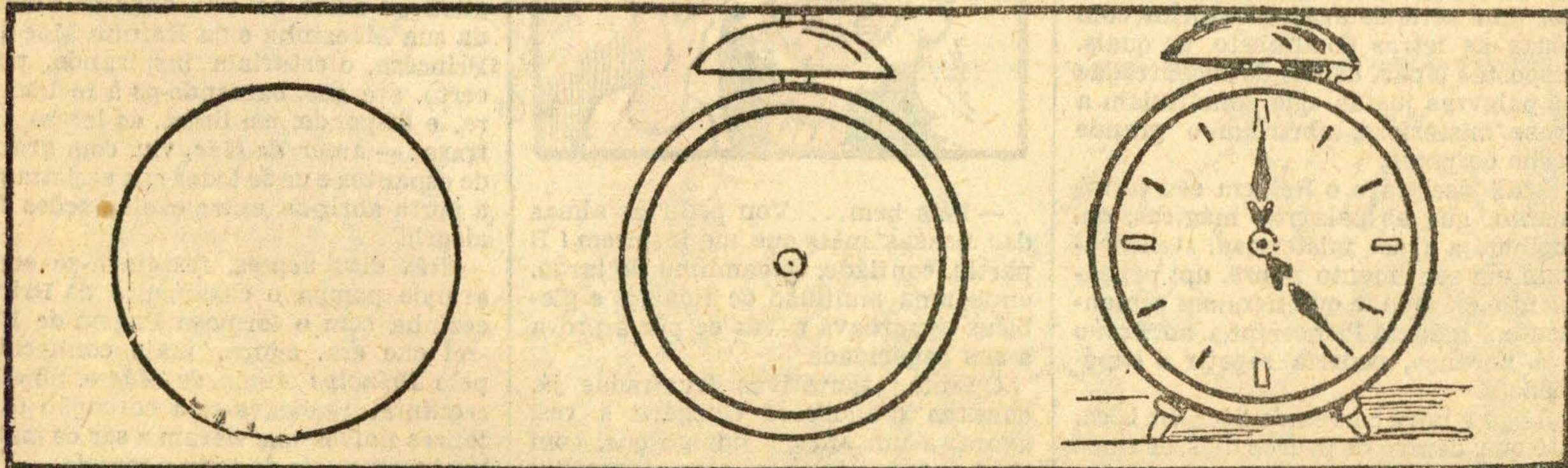
Num gesto famoso e digno
Dêste país imortal,
Foi um homem denodado
Que nasceu em Portugal.

Não levava a Cruz de Cristo...
A's ordens da Espanha andava,
Mas era por uma terra
Que êle a tanto se lançava.

Era só para dar fama
A' sua terra de heróis,
Para torná-la mais linda
Que a lua, flores e sois.

Pois um amôr sem igual,
Tão grande como o das mãis
Havia pelo seu berço
Em

L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha um relógio-despertador

Hora de recreio

CHARADAS, ADIVINHAS, ENGENHOCAS, JOGOS, ETC.

CHARADAS—N.º 5

DECIFRAÇÕES DO N.º 1

1—Extremadura; 2—Josefa; 3—Gaiola; 4—Batata-bata; 5—Metido-medo; 6—Facundo-fado; 7—Domina-dona; 8—Augusto de Santa Rita.

DECIFRADORES

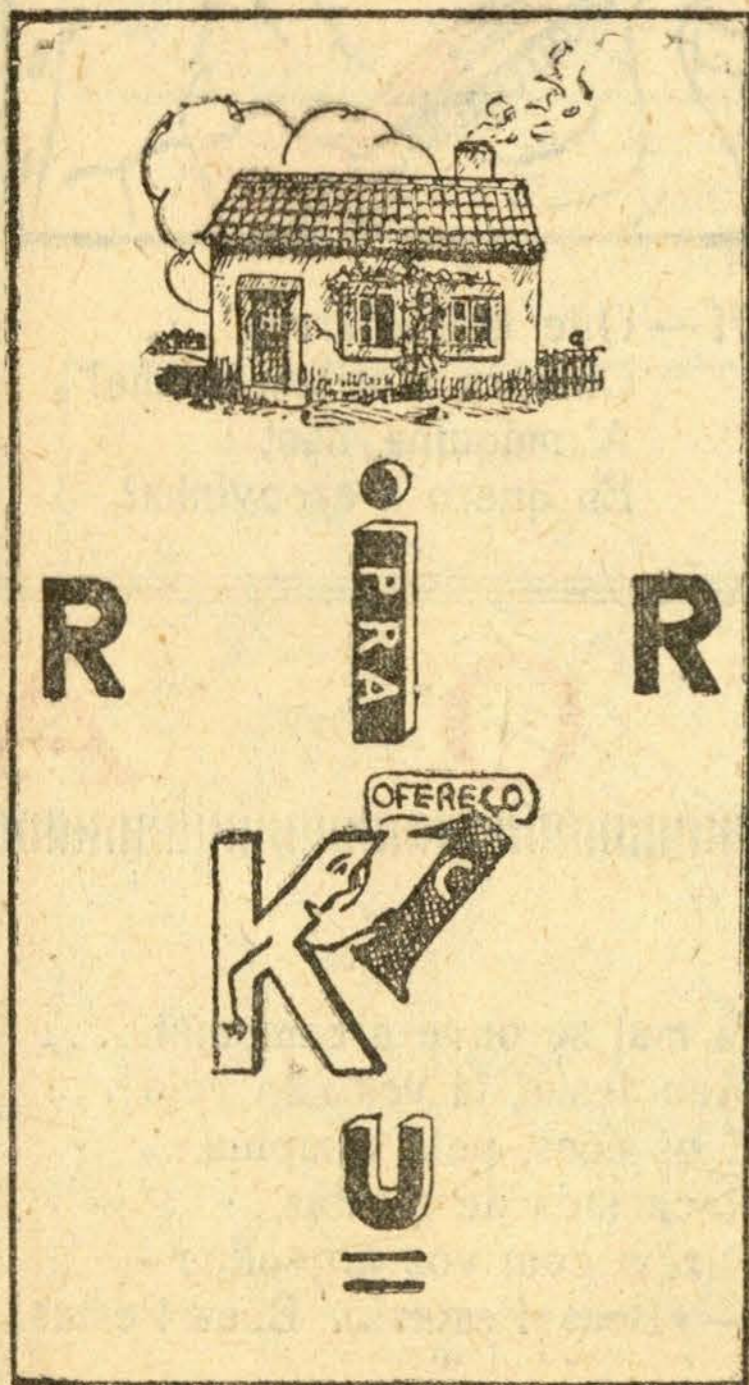
QUADRO DE HONRA

480, Adriano Reis, Alberto Veiga Leitão, Alfredo Matos, Alice Dias Pereira, Almerinda Praia Carvalho, António Enes do Amaral, Arlequim, Artur Enes do Amaral, Béu, Cacánacá, Celso, Chimicomí, Darlo dos Santos Frazão, Dúlia Enes do Amaral, Emídio Matias Pinto, Galhardo, João Veiga Leitão, Jorge Pereira, Lenita, Lince, Lucas, Luciano Moreira, Manel & Cesaltina, Manuel Aguincha, Mape-reira, Maria Alice Botelho Moniz, Maria Helena, Marmelo Verde, Mizita, Mosqueteiro do Ar, Oliveirari-beiro, Pirucas, Rex, Tim, Tomigas, Uma tricana, Zé, Zé. Fernando, Zé Manel e Zette.

(TOTALISTAS)

Aba, Manecas & Tonecas, Moreno, Renato Rodrigo Paulo, *lista sem assinatura*, 7; Crisante Taborda, 6; Joviar, 5; Maria Cecilia A. Duarte de Sousa, 1.

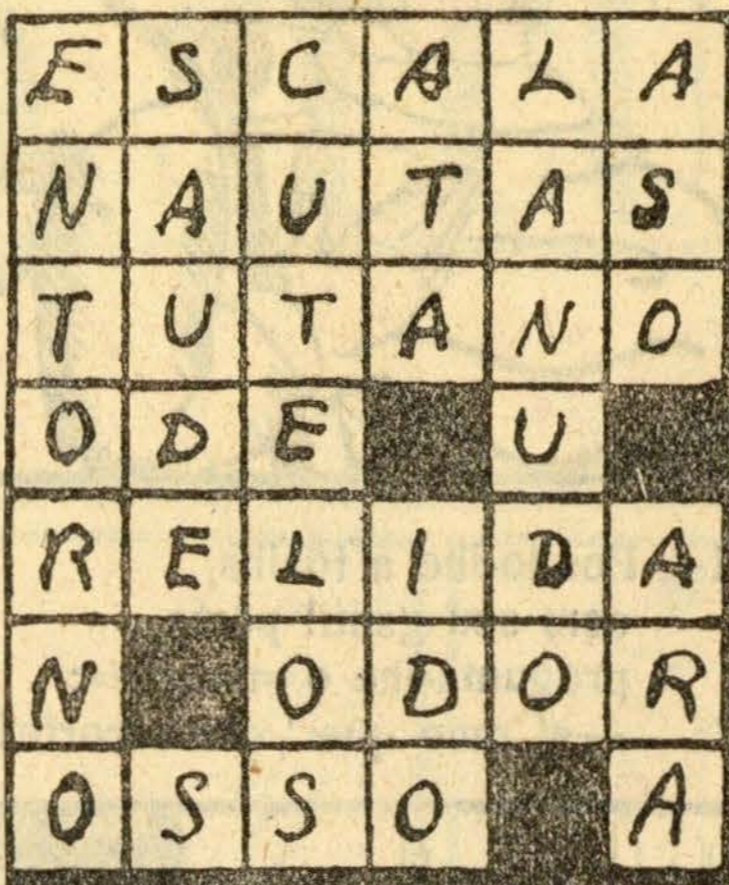
ENIGMA PITORESCO



NOTA — Deverá ser incluído nas listas do número 6.

PALAVRAS CRUZADAS

SOLUÇÃO DO N.º 1



QUE TERRA É ESTA?

Decifração : Santarem.

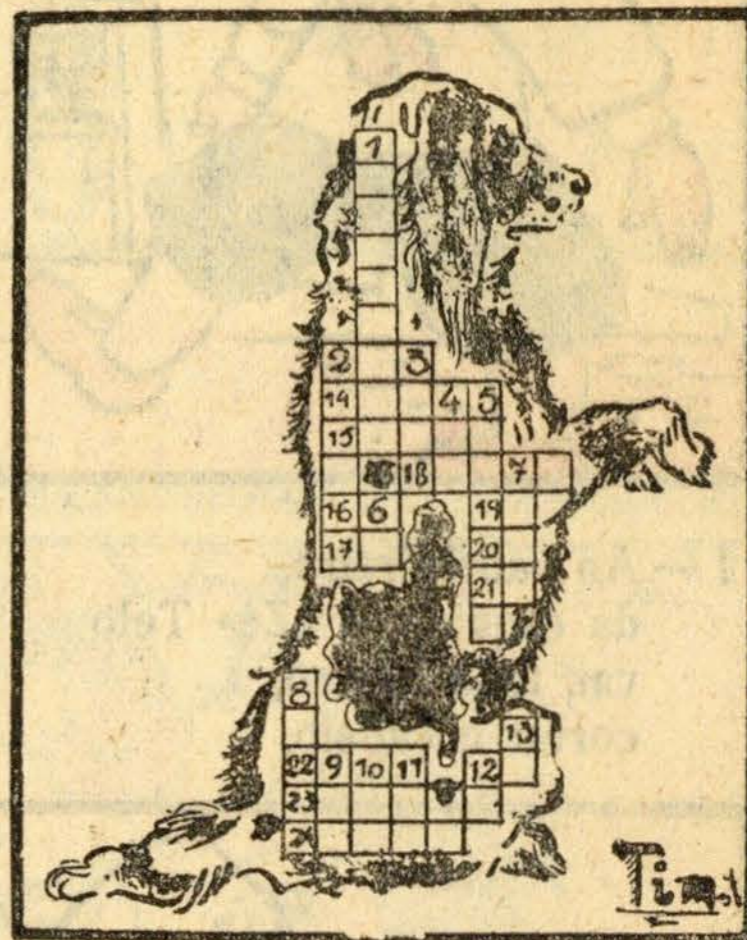
DECIFRADORES

De ambos os problemas: 480, Adriano Reis, Alberto Veiga Leitão, Alice Dias Pereira, Almerinda Praia Carvalho, António Enes do Amaral, Artur Enes do Amaral, Béu, Cacánacá, Celso, Chimicomí, Crisante Taborda, Darlo dos Santos Frazão, Dúlia Enes do Amaral, Galhardo, João Veiga Leitão; Jorge Pereira, Lenita, Lince, Lucas, Luciano Moreira, Manel & Cesaltina, Manuel Aguincha, Mape-reira, Maria Helena, Marmelo Verde, Mizita, Mosqueteiro do Ar, Oliveirari-beiro, Tim, Tomigas, Uma tricana, Zé Fernando e Zette.

Só do primeiro: Aba, Alfredo Matos, Manecas & Tonecas, Arlequim, Maria Alice Botelho Moniz, Maria Madalena A. Duarte de Sousa, Moreno, Oisile, Pirucas, Renato Rodrigo Paulo, Rex, Zé, Zé Manel e lista sem assinatura.

Só do segundo: Edmundo Nunes e Emídio Matias Pinto.

PROBLEMA N.º 3



Verticais:

1—Porção de pássaros; 2—Tempo do verbo nadar; 3—Pronome possessivo no plural; 4—Pronome indefinido; 5—Descargas de artilharia; 6—Vogais; 7—Subtrair; 8—Mamífero africano; 9—Criado grave; 10—Nome inglês de certos estabelecimentos de bebidas; 11—Vogal e consoantes de achatar; 12—Letra grega; 13—Crença religiosa.

Horizontais:

2—Contração de preposição com artigo (pl.); 12—Nota musical; 14—Sauidação de despedida; 15—Espécie de melro indiano; 16—Nota musical; 17—Interjeição; 18—Pulo; 20—Camada grossa que envolve a terra; 21—Apelido; 22—Saliva; 23—Rio pequeno; 24—Vaso arterial.

CORRESPONDÊNCIA

Zé Manel — Pode mandar tudo o que quiser, relacionando-se com o charadismo. Cá faremos a devida selecção.

Moreno — Não tente iludir-nos... Não poderá concorrer com dois pseudónimos visto que, na mira de ser beneficiado, prejudicará os outros que concorrem lealmente. Julga que não reconhecemos a sua letra nas segundas listas?...

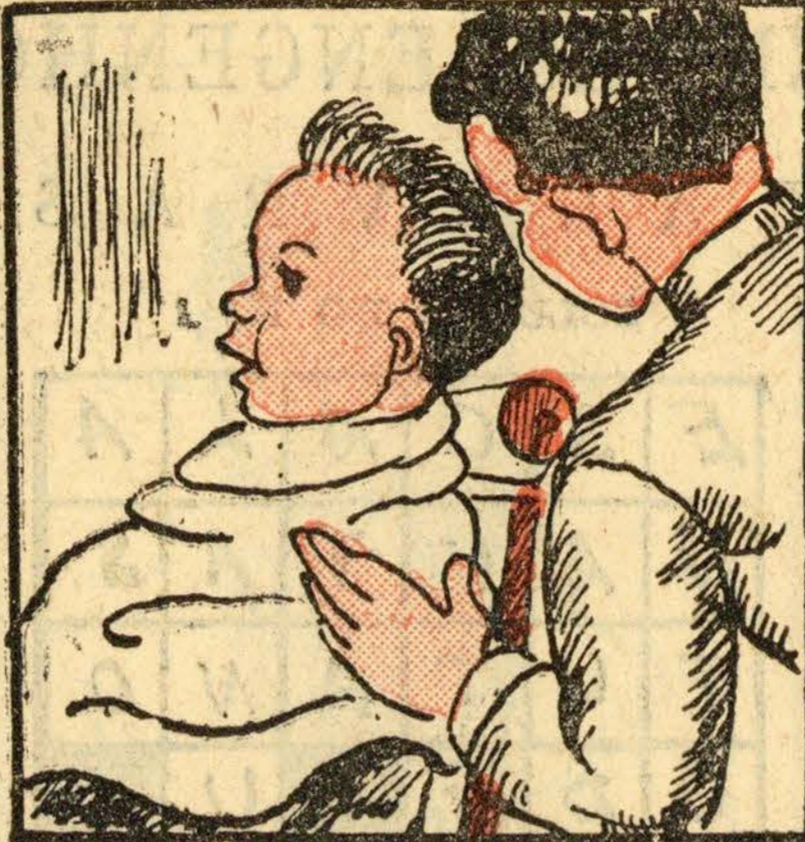
A todos os meninos charadistas — Lembramos que os trabalhos que nos

sejam enviados devem vir isolados uns dos outros, isto é: cada em seu papel. O mesmo deve acontecer com as listas de decifrações e cartas que nos dirijam perguntas. Como no nosso arquivo cada cantinho é para uma coisa, não podemos, por exemplo, arquivar listas de decifrações com charadas nas costas ou vice-versa. A maioria dos meninos não cumpre o que aqui dizemos mas, doravante, seremos mais rigorosos para com aqueles que teimarem. E assim só tomaremos em conta de consideração aqueles que cumprirem o que aqui dizemos. Os outros ficarão a apitar...

Cabelo à escovinha



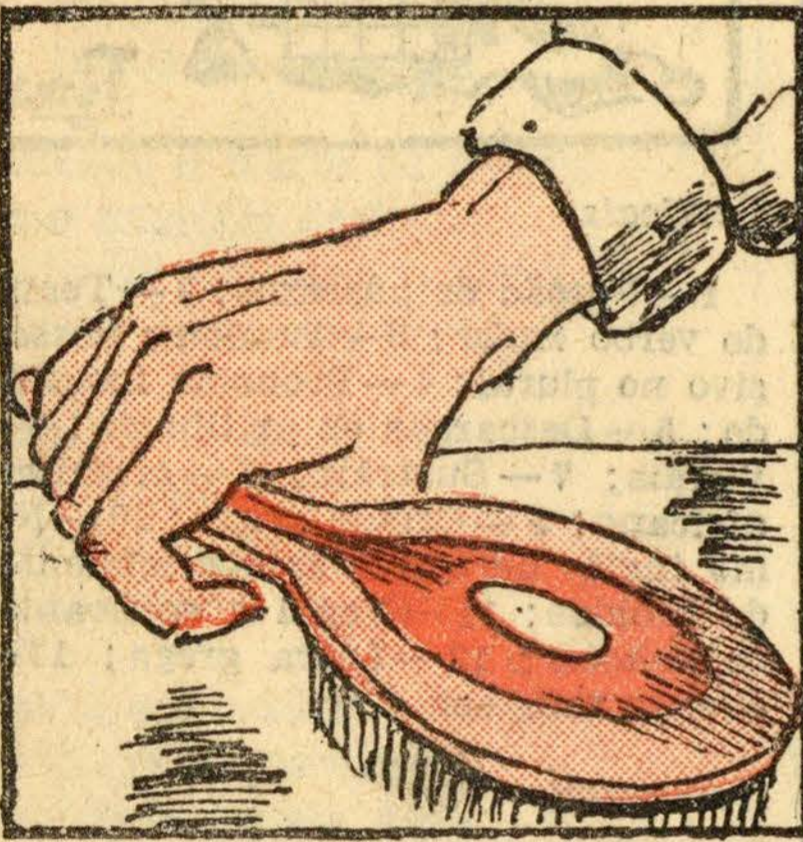
I — Ao cabeleireiro,
da esquina, o «Zé» Telo
vai, todo ligeiro,
cortar o cabelo.



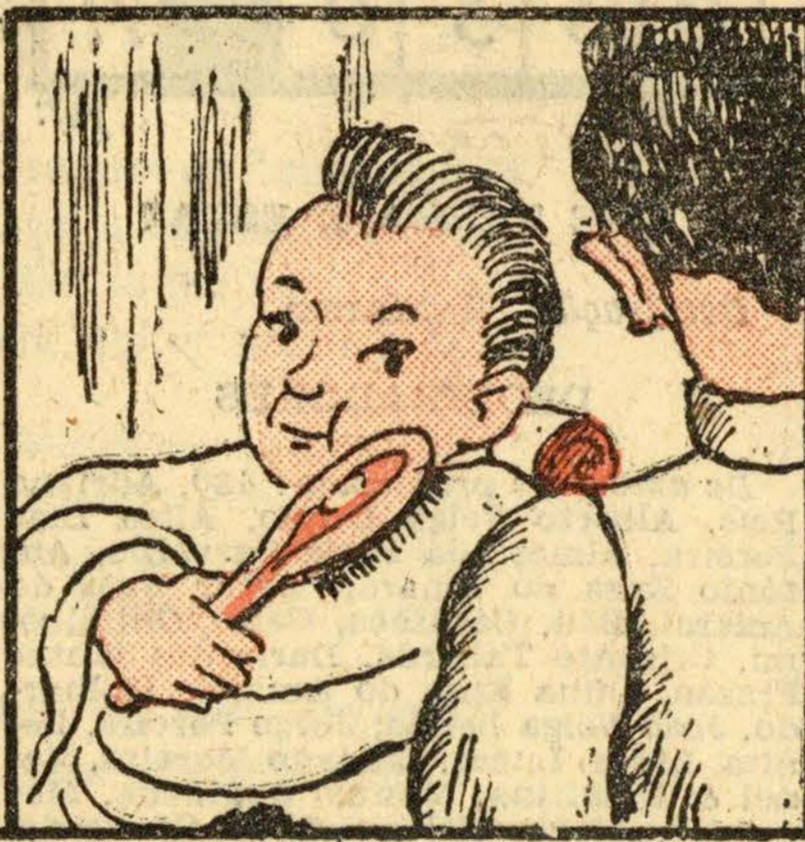
II — Pondo-lhe a toalha,
com seu gentil porte,
pregunta-lhe o «mestre»:
— «Como quer' que o corte?»



III — Responde o «Zé» Telo
já na cadeirinha:
«—Eu quero o cabelo
cortado à escovinha.»



IV — Mas quando o artifice,
sem nada objectar,
da máquina puxa
para lho rapar,



V — «Zé» Telo, que prova
ser esparvoado,
entrega-lhe a escôva
e diz-lhe irritado:



VI — Que estupidarrão!...
Cumpra a ordem minha!
A' máquina, não!
Eu quero à escovinha!

P A S C O A

(Continuação da página 2)

E a água benta aspergida
Da caldeirinha luzente
Cai do hissópe lentamente...
Como o orvalho cai na flôr!
— «Boas Festas! Boas Festas»
Diz, alegre, o bom reitor!... —

Assim vai, de casa em casa,
E de caminho em caminho,

Lume de quem não tem brasa,
Confôrto dos sem-carinho!
E em vez do folár tirar,
Quanta vez, o bom reitor,
Com amôr, o vai levar
Aos pobrinhos do Senhor!

Perde-se ao longe o cortejo...
Numa toáda baixinha,

Já mal se ouve a campainha...
Meu Jesus, já vos não vejo!...
E os écos, pela campina
Recamada de giestas,
Dizem com voz argentina —
— «Boas Festas!... Boas Festas!...

F I M